



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DÉBORA DE SOUZA COSTA

JOÃO PESSOA - PB

2016

C837I Costa, Débora de Souza.

A língua inglesa na educação infantil / Débora de Souza Costa. –
João Pessoa: UFPB, 2016.
49f.

Orientador: Edson Carvalho Guedes
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Língua inglesa. 3. Ensino-aprendizagem.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2 (043.2)

DÉBORA DE SOUZA COSTA

A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes

JOÃO PESSOA - PB

2016

DÉBORA DE SOUZA COSTA

A LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

APROVADO EM: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes – Orientador (UFPB)

Profa. Dra. Alba Cleide Calado Wanderley – Avaliadora (UFPB)

Profa. Dra. Maria Erenilza Pereira – Avaliadora (UFPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, que me incentivaram a buscar sempre o melhor para mim, por terem me conduzido a ser a pessoa que me tornei hoje, e por terem demonstrado amor das mais diversas formas. À memória da minha amiga-irmã, Angelina, que esteve comigo em vida, e sei que ainda hoje me acompanha.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, sempre justo e fiel, por ter me permitido seguir nesse caminho, dando-me forças mesmo nas vezes em que pensei que não conseguiria. E por ter dado a sabedoria necessária para que eu pudesse decidir pelo melhor caminho a trilhar, mesmo que esse não tivesse sido fácil.

Ao caríssimo Professor Doutor Edson Carvalho Guedes, pela paciência e amizade construída desde o início da minha caminhada acadêmica até agora, pelos incontáveis cafés nos finais de tarde para discutir sobre o que me inquietava quanto à escolha e construção desta pesquisa, e pelas inúmeras vezes que se fez disponível para me ensinar o que eu não compreendia.

À querida Professora Doutora Rose Mary de Souza Araújo por todo conhecimento transmitido, e pelos carinhosos abraços nos corredores do Centro de Educação, os quais eu apreciava com gratidão.

À Universidade Federal da Paraíba, e aos professores que me ajudaram a construir uma base sólida de conhecimento, para que hoje eu estivesse alcançando o primeiro passo da minha carreira acadêmica.

À amiga-irmã Angelina, a quem dedico este trabalho, pelas vezes em que se fez presente e sensível às minhas queixas quando precisei, principalmente nesses últimos anos, e pelas incansáveis risadas que tive ao seu lado. Não posso ousar dizer que sua partida foi precoce, mas posso afirmar que sua presença foi suficiente pra deixar uma saudade eterna em quem conviveu diariamente com você. Se Deus sabe todas as coisas, com certeza saberia a dor e falta que sua partida iria causar. Agradeço por ter dito e ouvido tudo que queria para e de você. Poderia agradecer pelo abraço forte na última viagem, quando eu ainda não sabia que seria o último, pois se soubesse, eu teria ficado ou a teria levado comigo. Poderia agradecer por outras centenas de coisas, mas vou agradecer, somente, pelo tempo que tive com você.

Às amadas amigas – irmãs de vida – Rayssa Galdino, Luanna Galdino e Clara Galdino, pelas muitas risadas proporcionadas, pelo carinho, pelo apoio. Por estarem presentes nos momentos de estudo, de alegrias e também os de tristeza, momentos esses que se tornaram essenciais para a construção e solidificação dessa união de vidas. Sinto-me feliz por ter vivido momentos inesquecíveis que, por muitas vezes tiraram-me da seriedade e estresse da rotina cansativa.

Ao amor e carinho recebido de Geancarlo Callebe, por ser o “acaso” mais inacreditável da vida, e principalmente, pelas incontáveis vezes que me incentivou e me deu motivos para estudar mais. Pelo amparo, apoio e compreensão, e pelo cuidado em sempre demonstrar querer meu bem.

Aos amigos de escola que fizeram parte da minha infância e adolescência, que me viram optar pela carreira que escolhi, e os quais também vi crescer. Aos que continuam ao meu lado depois de tantos anos, e aos que não tenho mais contato.

Aos professores da minha formação em língua inglesa, em especial à Kristy por se esforçar em entender o português, para explicar algo que eu não comprehendia em inglês, pelas vezes que corrigiu com carinho minhas palavras, e a Edmilson, pela paciência em esclarecer dúvidas, e pelos momentos de descontração em sala de aula junto aos demais colegas.

Por fim, quero ressaltar meu agradecimento a todos os meus familiares, e principalmente aos meus pais, a quem amo incondicionalmente.

Débora Costa

All I Ever Really Needed to Know I Learned in Kindergarten.

Most of what I really need to know about how to live and what to do and how to be, I learned in kindergarten. Wisdom was not at the top of the graduate-school mountain, but there in the sand pile at school.

These are the things I learned: Share everything. Play fair. Don't hit people. Put things back where you found them. Clean up your own mess. Don't take things that aren't yours. Say you're sorry when you hurt somebody. Wash your hands before you eat. Flush. Warm cookies and cold milk are good for you. Live a balanced life. Learn some and think some and draw and paint and sing and dance and play and work some every day.

Take a nap every afternoon. When you go out into the world, watch out for traffic, hold hands, and stick together. Be aware of wonder. Remember the little seed in the plastic cup: The roots go down and the plant goes up and nobody really knows how or why, but we are all like that.

Goldfish and hamsters and white mice and even the little seed in the plastic cup - they all die. So do we.

And then remember the book about Dick and Jane and the first word you learned - the biggest word of all: LOOK.

Everything you need to know is in there somewhere. The Golden Rule and love and basic sanitation, ecology and politics and equality and sane living.

Think of what a better world it would be if we all - the whole world - had cookies and milk at about 3 o'clock in the afternoon and then lay down with our blankets for a nap. Or if we had a basic policy in our nation and other nations to always put things back where they found them and to clean up their own mess. And it is still true, no matter how old you are, when you go out into the world, it is best to hold hands and stick together.

Robert Fulghum

RESUMO

O interesse pela aprendizagem da língua inglesa tem origem na rápida expansão que a língua inglesa teve no cotidiano das crianças. Diante desse novo cenário, muitas escolas buscaram responder a essa nova demanda. Esta pesquisa objetiva indicar princípios psicopedagógicos que orientam processos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil, e é resultado da aproximação desses dois campos de interesse: educação infantil e processos de aprendizagem de uma língua estrangeira. A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi do tipo bibliográfica, com um estudo de fontes que nos auxiliaram a compreender a temática abordada nessa pesquisa, a *Língua Inglesa na Educação Infantil*. Concluímos que é possível ter um ensino de inglês para crianças da Educação Infantil, sem que as prejudique no aprendizado das outras disciplinas presentes no currículo escolar. Para isso, temos que entender que esse processo não depende somente de estímulos vindos do ambiente escolar, mas também de interações e experiências externas que a criança passa ao longo da vida. Portanto percebemos que é necessário um aperfeiçoamento tanto nos métodos de ensino desse idioma, como também na maneira que o conteúdo é passado.

Palavras-chave: Educação Infantil. Língua Inglesa. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The interest in the learning English language comes from the rapid expansion that English had in the daily lives of children. In this new scenario, many schools searched to respond to this new demand. This research aims to indicate psycho-pedagogical principles that guide the teaching-learning process of a foreign language in kindergarten, and is a result from the approximation of these two fields of interest: early childhood education and learning processes of a foreign language. The methodology used for this research was the bibliographical, with a study of sources that helped us understand the subject discussed in this research, the English language in kindergarten. We conclude that it is possible to have an English education for children from kindergarten, without prejudice in learning of other subjects present in the school curriculum. For this, we must understand that this process does not depend only on stimulus from the school environment, but also interactions and external experiences that children have in life. So we realize that it is necessary an upgrading in teaching methods and in the way that content is passed.

Key-words: Kindergarten. English Language. Teaching-Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	14
3. DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO DE VYGOTSKY E PIAGET E SUAS IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO- APRENDIZAGEM	16
3.1 O desenvolvimento intelectual/cognitivo,.....	16
3.2 O Sociointeracionismo.....	18
3.3 A importância dos processos interpessoais para o desenvolvimento infantil	20
4 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	22
4.1 Desenvolvimento da linguagem.....	23
4.2 Conhecendo a língua materna.....	24
4.3 Conhecendo a língua estrangeira.....	27
5 O AMBIENTE ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
5.1 Fatores que contribuem para aprendizagem.....	31
6 O INGLÊS NO MUNDO DA CRIANÇA.....	34
6.1 O desenvolvimento do novo idioma nas crianças.....	35
6.2 Os elementos no mundo infantil que facilitam a aprendizagem do novo idioma.....	36
7 NEUROCIÊNCIA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	39
7.1 O ensino e a formação do professor de Língua Inglesa.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é resultado das minhas inquietações originadas ao longo da minha formação no curso de pedagogia e no curso de língua inglesa, e no meu interesse pelo ensino na educação infantil. Reconhecemos a importância do processo de alfabetização, quando entendemos que é partir dele que serão desenvolvidos outros processos cognitivos do ser humano, visto que é por meio da comunicação, da apropriação da linguagem e da relação que estabelecerá com outros indivíduos que a criança passará a conhecer o mundo e se desenvolver em outras áreas. Por essa razão, que o ensino na educação infantil tornou-se uma das áreas de investigação dessa pesquisa.

Outro ponto de interesse que me levou a iniciar essa pesquisa foi a minha curiosidade em relação aos processos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira com crianças abaixo dos 5 (cinco) anos. Como observamos na leitura do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), o ensino de uma língua estrangeira para crianças envolve muitos aspectos, dentre eles podemos citar fatores externos e internos, por essa razão a escola deve disponibilizar ambientes que incentivem o desenvolvimento e a interação das crianças umas com as outras e com o meio, e isso inclui uma estrutura física adequada e uma preparação de todo a equipe pedagógica. (Brasil, 1998, v.1)

Esta pesquisa, portanto, é resultado da aproximação desses dois campos de interesse: educação infantil e processos de aprendizagem de uma língua estrangeira.

A relevância social relacionada ao tema *Ensino de Língua Estrangeira (LE) na Educação Infantil* cresceu devido à rápida expansão que a língua inglesa teve no cotidiano das crianças durante todo o crescimento do processo de globalização, sendo assim fez-se necessário que as escolas acompanhassem o mesmo ritmo de expansão, com isso, o aprendizado desse idioma foi se aperfeiçoando em séries de crianças cada vez menores.

O interesse pela aprendizagem da língua inglesa tem origem na rápida expansão que a língua inglesa teve no cotidiano das crianças. Diante desse novo cenário, muitas escolas buscaram responder a essa nova demanda. O mundo da criança é e sempre foi cercado por novas experiências e descobertas. A criança lida o dia todo com o aprendizado de novas formas de se expressar, de se comunicar, e é diante dessa realidade que o ensino de um novo idioma pode ser inserido no dia-a-dia da criança de forma, inicialmente, mais leve.

Entendendo o aprendizado como algo que se dá ao longo da vida, e que na maioria das vezes é iniciado na primeira fase dela, devemos compreender que esse aprendizado está diretamente ligado a fatores internos e externos. Trata-se, portanto, de um processo de ensino-

aprendizagem que envolve inúmeros fatores, subjetivos, ambientais, teórico-metodológicos, linguísticos, enfim questões de ordem psicopedagógicas.

Esta pesquisa nasce desse duplo movimento: a busca de as escolas em responder às novas realidades que cerca o mundo infantil, em especial, ao conhecimento da língua inglesa; e também pela necessidade de compreender os princípios psicopedagógicos que devem orientar o processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira no contexto da Educação Infantil. Com o intuito de orientar nossa investigação, propomo-nos a responder a seguinte questão: *que princípios psicopedagógicos devem orientar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil?*.

A relevância de estudos a respeito desse assunto se mostra evidente ao se observar que a produção científica na área da Pedagogia ainda é muito incipiente. A pesquisa que fizemos na base de dados do Google Acadêmico com publicações nos últimos 10 anos (2006 - 2016), quando utilizadas as expressões/palavras “língua estrangeira”, “educação infantil” resultou em 4.540 referências. Quando empregamos a expressão “língua estrangeira na educação infantil”, no mesmo período de tempo, obtivemos 52 publicações, mas quando especificamos ainda mais a pesquisa, e utilizamos a expressão “língua inglesa na educação infantil” conseguimos apenas 45 resultados nos últimos 10 anos.

Em face dessa lacuna resolvemos tratar do tema com referenciais teóricos que tratam do processo educacional e do desenvolvimento das aprendizagens da criança. Esta pesquisa busca mostrar as vantagens que o ensino de uma segunda língua, quando bem trabalhada, pode trazer para o desenvolvimento intelectual da criança; além de transpor para essa lacuna na Pedagogia, um tema que ainda não tem muito debate.

A partir dessa questão central, sobre os *princípios psicopedagógicos que devem orientar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil*, formulamos outras três perguntas que nos ajudam a vislumbrar os objetivos específicos de nosso trabalho:

1. *Qual a importância dos processos interpessoais para o processo de ensino-aprendizagem da criança da Educação Infantil?*

2. *Quais elementos contribuem para o aprendizado de uma língua estrangeira no contexto da Educação Infantil?*

3. Como a neurociência contribui para o processo de ensino-aprendizagem de um novo idioma para crianças na Educação Infantil?

A partir da questão central e das perguntas específicas, foi possível compor os seguintes objetivos para a nossa pesquisa:

Objetivo Geral: indicar princípios psicopedagógicos que orientam processos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil.

Objetivos específicos: descobrir a importância das interações interpessoais para o processo de ensino-aprendizagem da criança da Educação Infantil; identificar elementos ambientais que contribuem para o aprendizado de um novo idioma no contexto da Educação Infantil; descrever a importância da neurociência no processo de ensino-aprendizagem de um novo idioma para crianças da Educação Infantil.

Com o propósito de dar conta desses objetivos, organizamos o textos em alguns tópicos. Iniciamos com a introdução sendo o **primeiro capítulo** desse trabalho, o qual traz uma iniciação do tema desse trabalho, com as justificativas e objetivos incluídos, para que assim possamos entrar no **segundo capítulo** que trata dos pensadores Lev Vygotsky (1896 – 1934) e Jean Piaget (1896 - 1980), o que nos leva a entender, respectivamente, a importância dos processos interpessoais para o desenvolvimento intelectual, e a relação que há entre a linguagem e o aprendizado.

No **terceiro capítulo**, tratamos sobre o processo de aquisição da linguagem no indivíduo, ressaltando a diferença entre os conceitos de língua e linguagem. Apresentamos o processo de desenvolvimento da linguagem, estudado por alguns estudiosos e como a criança conecerá a língua materna e a língua estrangeira. Nesse capítulo objetivamos compreender como as crianças partem do mundo da comunicação involuntária, para a linguagem direcionada e intencional.

O segundo e o terceiro capítulos servirão de embasamento teórico, para começarmos a discutir os tipos de ambientes que são mais favoráveis e adequados para o ensino e aprendizagem de um novo idioma na Educação Infantil, assunto que será abordado no **quarto capítulo**, em conjunto com a perspectiva da neurociência, entenderemos como se dá a aprendizagem na infância, e o “por que” de as crianças terem maior facilidade em aprender coisas novas, e com mais rapidez que a grande maioria dos adultos.

No **quinto capítulo**, abordaremos os fatores do ambiente escolar que são mais adequado para o aprendizado de uma língua estrangeira nos primeiros anos de vida da criança, citaremos também aspectos que favorecem o processo de aprendizagem desse idioma. No **sexto capítulo** faremos uma breve retomada ao quarto capítulo, pois falaremos sobre alguns elementos no mundo infantil que podem ser utilizados como auxiliadores da aprendizagem do idioma, alguns deles que utilizam tecnologia como auxílio para esse processo, como exemplo, a TV, alguns jogos eletrônicos e brinquedos.

Partindo desses pontos, entraremos no **sétimo capítulo**, onde mostraremos como a neurociência pode ajudar a entender os fatores que fazem parte processo de aprendizagem no interior da criança, com isso, falaremos sobre a atenção, a memória e as emoções que são alguns aspectos que envolvem esse processo. Para isso, falaremos a importância da neurociência na formação dos profissionais da educação, e a necessidade desses profissionais tomarem posse do conhecimento sobre o funcionamento do órgão mais complexo do corpo humano para entender as razões pela qual um indivíduo aprende, entendendo assim sobre a atenção, a memória e outros aspectos que envolvem o estudo da neurociência e da educação.

2. METODOLOGIA

Como nos explica Oliveira (2010, p. 69), “a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, encyclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.” Partindo desse conceito concebemos a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, sendo do tipo bibliográfica. Trata-se de um estudo que reuniu fontes bibliográficas de livros, teses, artigos e outros documentos que nos auxiliaram a compreender a temática abordada nessa pesquisa, a *Língua Inglesa na Educação Infantil*.

Por se tratar de um estudo voltado para a crianças da Educação Infantil, tivemos como primeira empreitada, reunir autores que nos orientassem acerca do *desenvolvimento humano*, mais especificamente, do primeiro estágio da vida: a infância. Nesse sentido, buscamos fundamentação nas teorias de Vygotsky e Piaget, procurando compreender as implicações de seus estudos nos processos de ensino-aprendizagem.

Além do desenvolvimento humano em geral, tivemos necessidade de nos ater mais especificamente na *aquisição da linguagem* e o seu desenvolvimento. Para tanto, servimo-nos de vários autores. A partir dessas teorias, buscamos estudar distinções importantes para nossa investigação, ou seja, as peculiaridades entre *língua materna* e *língua estrangeira*.

Por se tratar de uma pesquisa focada nas crianças de 0 a 5 anos, foi necessário estudar a literatura que trata do *ambiente escolar da educação infantil*. Para isso, tomamos como ponto de partida o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), buscando compreender o que deste ambiente contribui no processo de ensino-aprendizagem das crianças.

A partir dos conceitos de desenvolvimento da criança e do ambiente escolar, procuramos compreender o significado da *língua inglesa no mundo da criança*, buscando identificar os elementos do mundo infantil que facilitam a aprendizagem de um novo idioma.

Por fim, buscamos apresentar uma aproximação da *neurociência* com os processos de ensino-aprendizagem. Pensamos ser fundamental entender as modificações que ocorrem no cérebro da criança, no decorrer dos processos de aprendizagem, relacionadas à memória, à atenção e à aprendizagem propriamente, aspectos que são essenciais para o desenvolvimento escolar de um aluno ou aluna em sala de aula.

Entendemos que, em posse desses conceitos foi possível reunir elementos teóricos suficientes para dar conta nossa investigação. A ordem dos conceitos, presentes no marco teórico, teve como pretensão uma organização didática dos elementos chaves para a compreensão dos princípios psicopedagógicos que devem orientar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil. Sabemos, entretanto, que esses elementos estão entrelaçados um no outro e, no mundo prático, tais separações não são possíveis de serem feitas.

3. DESENVOLVIMENTO HUMANO NA VISÃO DE VYGOTSKY E PIAGET E SUAS IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Devemos entender o ser humano como um indivíduo que passa por inúmeros processos de desenvolvimento ao longo da vida. Esses processos são contínuos, assim como a aprendizagem, e temos que ter consciência de que nem sempre se dão de forma linear, assim como nem todo ser humano pode ser capaz de se desenvolver social, cognitivo e afetivamente no mesmo ritmo. Sabemos que esse processo de evolução não depende apenas do fator biológico e genético, mas o meio (família, sociedade, escola) em que esse indivíduo está inserido tem um papel fundamental na construção e desenvolvimento desse processo.

Podemos perceber a importância da união desses fatores para o desenvolvimento efetivo do ser humano quando pegamos como exemplo o caso das “Crianças-Lobo” (Amala e Kamala), que foram encontradas na Índia, e que passaram parte da suas curtas vidas convivendo com lobos, e com isso não desenvolveram nenhuma característica humana, ou seja, não eram capazes de nenhum tipo de pensamento lógico, não sabiam falar, e não sabiam como usar utensílios para alimentação. Com isso, tiramos a conclusão de que “quando isolado, privado do contato com outros seres, entregue apenas a suas próprias condições e a favor dos recursos da natureza, o homem é fraco e insuficiente.” (REGO, 1995)

3.1 O desenvolvimento intelectual/cognitivo

O desenvolvimento das crianças começa desde muito cedo, visto que já foi descoberto que os indivíduos conseguem ser estimulados a ter um contato com a realidade, quando ainda bebê, pois desde essa fase ele já têm “janelas” sensoriais capazes de lhes permitir esse tipo de interação. Jean Piaget (1896-1980), o cientista que nos mostrou que as crianças não pensam como os adultos, mas sim que elas constroem seu próprio aprendizado por meio das percepções da realidade, foi o que primeiro sistematizou o método de aprendizado e desenvolvimento da inteligência das crianças. Além de trazer grandes contribuições para a área da biologia, e estudar sobre a filosofia, foi a partir dessas áreas que Piaget descobriu seus interesses sobre a formação do conhecimento.

[...] Piaget não acredita que todo conhecimento seja, *a priori*, inerente ao próprio sujeito (apriorismo), nem que o conhecimento provenha totalmente das observações do meio que o cerca (empirismo). Para ele, o conhecimento em qualquer nível é gerado por uma interação radical do sujeito com seu

meio, a partir de estruturas previamente existentes. (SALES; MONTE; VIDAL, 2003)

A criança já nasce inserida em um contexto repleto de influências culturais e sociais, e estas terão um papel de grande importância no ciclo vital do bebê até sua vida adulta. É por esse processo de influências sócio-culturais e também pela associação do conhecimento inato ao indivíduo, que o ser humano começa a aprender a ter suas perspectivas e visões sobre o mundo, e é por meio desse contexto que a criança passa a criar ferramentas para se adaptar às diversas situações do cotidiano. Se formos imaginar uma criança que já está inserida em um ambiente escolar, podemos utilizar a sala de aula como ferramenta importante para introduzir a cultura inglesa em seu aprendizado.

As contribuições de Piaget se interligam com as de Levy Vygotsky (1896-1934) para a Educação e para a Pedagogia, este por sua vez foi um psicólogo que nasceu na antiga Bielo-Rússia, e que em seu tempo de vida e de pesquisas trouxe inúmeras descobertas para os educadores sobre o desenvolvimento intelectual. De forma semelhante aos estudos de Piaget, Vygotsky veio nos mostrar que o desenvolvimento do indivíduo não pode estar ligado apenas ao conhecimento que a criança (bebê) possui ao nascer, mas se deve também as suas relações com o meio em que está inserido.

Vygotsky, em sua teoria sobre o desenvolvimento infantil já enfatizava a importância das interações sociais para que esse processo fosse bem sucedido, podemos exemplificar esse ponto da teoria observando o tipo de ensino de língua estrangeira passado para as crianças, e o quando essas interações facilitarão o desenvolvimento do processo.

Ele fez uma crítica em relação às teorias anteriores realizadas por outros pesquisadores, algumas das quais entendiam que o desenvolvimento se dava de forma natural, e que dependia de um processo de crescimento do organismo das crianças. Esta teoria entende que “a mente da criança contém todos os estágios do futuro desenvolvimento intelectual: eles existem já na sua forma completa, esperando o momento adequado para emergir” (Vygotsky, 1984, p.26. *apud* REGO, 1995).

Outra teoria que Vygotsky também criticava era sobre a qual entendia que o desenvolvimento da criança assemelhava-se ao do desenvolvimento animal. Essa, por sua vez, não convencia o psicólogo pelo fato de ser descoberto que depois de uma determinada idade a

criança desenvolvia processos intelectuais próprios do ser humano, o que a diferenciava do reino animal.

A origem do desenvolvimento do pensamento, segundo Vygotsky (1998), segue um caminho diferente da aquisição e o do desenvolvimento da linguagem. Segundo ele, o pensamento só torna-se verbal por volta do segundo ano de vida da criança, antes disso ele segue uma linha de maturação diferente, e ainda é considerado um pensamento não-verbal, assim como a linguagem ainda não é intelectual nesse ponto da vida, o que faz com que a criança ainda não tenha consciência do que fala, e apenas use a linguagem (comunicação) para um tipo de interação simples.

Como foi abordado nos parágrafos anteriores sobre a importância dos processos inter pessoais e sobre a relação do ser humano com o aprimoramento das suas características inatas, devemos lembrar também que Vygotsky descobriu durante seus estudos, que a criança, quando ainda bebê, tem seus fatores biológicos sobrepostos sobre os sociais apenas nessa fase da vida, por ser completamente indefesa e dependente de adultos do seu meio social para sobreviver, ao contrário dos filhotes do reino animal, que terão o fator biológico à frente do social ao longo de todo seu ciclo vital, pois são preparados para os problemas que envolvem seu habitat desde muito jovens, onde muitas vezes logo ao nascer separam-se dos pais.

Para Vygotsky, a criança desenvolve processos psicológicos mais complexos a partir de interações constantes em seu meio. Esse tipo de desenvolvimento necessita da mediação com adultos ou crianças mais desenvolvidas que ela. Com essa mediação a criança desenvolve suas aprendizagens, seja para mostrar-lhe como utilizar utensílios ou como sentar-se à mesa, como também para ensinar sobre a cultura e os costumes da sociedade em que a criança está inserida. Após isso acontecer, e esses processos serem fixados na criança, não será mais necessária esse tipo de mediação, pois a criança passará a fazer o que lhe foi ensinado de forma involuntária.

3.2 O Sociointeracionismo

Como citado no capítulo anterior, Vygostky ressalta a importância das relações sociais para o desenvolvimento humano. Essa maneira de pensar enfatiza a necessidade de a criança

ser exposta desde cedo ao convívio social, tanto no convívio familiar, como também escolar. Era por meio da observação do ser humano nas interações com o outro, inseridos no meio social, que ele observava como se dava o processo de desenvolvimento intelectual do homem.

Sobre o desenvolvimento do pensamento, Vygotsky afirma que é necessário que a criança mantenha um convívio social, pois é com essa interação, e por meio de uma mediação que ela será capaz de adquirir conhecimentos. Para o psicólogo, o ser humano é um ser interativo, e precisa de relações intra e interpessoais para passar pelo processo de maturação. Esse tipo de relação do sujeito com o outro e com o meio, é chamado por Vygotsky de “*Sociointeracionismo*”.

Para entendermos melhor o início dessa discussão, Rego (1995, p. 93) nos afirma que “Vygotsky, inspirado nos princípios do materialismo dialético, considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural.” A abordagem sociointeracionista, que explica o desenvolvimento da estrutura do ser humano, é descrita por Vygotsky como algo complexo e que faz parte de um processo de apropriação de experiências sociais, culturais e históricas que foram vivenciadas pelo indivíduo.

É por meio dessa abordagem que o psicólogo enfatiza a relação conjunta dos contextos biológico e social, para o desenvolvimento adequado do ser humano. “Segundo ele, organismo e meio exercem influência recíproca, portanto o biológico e o social não estão dissociados.” REGO (1995, p. 93) Esse tipo de relação se deve ao fato de a criança exercer uma influência recíproca sobre o meio em que está inserida, ou seja, o homem é fruto de uma intervenção do meio sobre ele, e também intervém sobre o meio em que se localiza.

Ao entender essa abordagem como mais adequada ao processo de desenvolvimento do psiquismo humano, Vygotsky acaba deixando de lado as outras teses que tratavam do assunto, como exemplo: as abordagens Ambientalistas, que davam mérito ao ambiente por todo o processo de desenvolvimento do ser humano; ou a abordagem Nativista, que ligava essa maturação aos aspectos de hereditariedade, e que ao contrário da ambientalista, ignorava o meio como agente desse processo.

Através dos estudos sobre a abordagem sociointeracionista podemos entender como Vygotsky buscava observar como se formavam as características que o ser humano adquiria

ao longo da sua vida. Vale ressaltar que a abordagem vygotskiana não afirma que há uma sobreposição dos fatores biológicos (inatos do ser humano), aos fatores adquiridos, ou vice-versa, e sim uma interação conjunta que há entre o homem e o meio social, que inicia no nascimento do bebê e que vai passando por modificações ao longo de cada contexto cultural que ele vai vivenciando na vida. Um fator não se sobrepõe ao outro, eles se complementam entre si, onde um contribui para o enriquecimento, aprimoramento e desenvolvimento do outro. Rego (1995, p. 95) nos afirma que

É possível constatar que o ponto de vista de Vygotsky é que o desenvolvimento humano é compreendido não como a decorrência de fatores isolados que amadurecem, nem tampouco de fatores ambientais que agem sobre o organismo controlando seu comportamento, mas sim através de trocas recíprocas, que se estabelecem durante toda a vida, entre indivíduo e meio, cada aspecto influindo sobre o outro.

Nesse contexto o indivíduo não só se apropria das influências culturais as quais passa, como também as internaliza e as transforma como forma de intervir em seu meio. Influências essas que não dão de forma isolada de todo o processo, e sim por meio da reciprocidade de fatores ambientais e orgânicos, e que se dá ao longo de todo o ciclo vital do ser humano. Conclui-se, portanto, que o homem é um indivíduo capaz de moldar e ser moldado por meio do contexto sócio-histórico, e que a cultura é capaz de influenciar diretamente nesse processo de desenvolvimento.

3.3 A importância dos processos interpessoais para o desenvolvimento infantil

Observamos no tópico anterior como as relações sociais auxiliam no desenvolvimento humano/infantil, e sobre as influências que o meio pode trazer para o indivíduo, e vice-versa. Mas para que isso possa chegar a acontecer, a criança tem que ser capaz de dilatar a linha social e cultural do seu desenvolvimento, que está diretamente ligada aos processos psicológicos superiores que são típicos do ser humano. Toda criança terá que desenvolver, pelo menos uma parte desses processos superiores, para que assim eles o auxiliem na vida escolar.

Falamos em processos psicológicos superiores, mas, *Quais são esses processos?* “[...] atenção ativa e consciente, pensamento abstrato, memória voluntária, afetividade, etc.”

(MESTRES; GOÑI; GALLART, 1999). Tais processos são essenciais para a vida escolar da criança, pois como exemplo, temos a atenção, que ela desenvolverá a partir dessas interações e que fará com que ela comece a ter consciência do que está ao seu redor, por meio de interesses particulares que surgirão ao longo do seu processo. Isso se dará de maneira voluntária, pois ele desenvolverá capacidades de focar sua atenção em pequenas coisas que antes ele fazia de forma inconsciente.

Tanto a atenção, como também a memória voluntária e a afetividade fazem parte de processos psicológicos superiores que precisarão de mediadores para que possam ser desenvolvidos, e será a partir da interação com esse mediador que a criança criará referências que estarão ligadas às experiências sociais.

Se falamos aqui da importância da herança cultural para o desenvolvimento humano, podemos citar também o papel singular da escola – como um lugar que tem um conjunto de práticas sociais, e no qual possui sujeitos que serão os responsáveis de transmitir uma parte dessa herança da cultura e da sociedade para membros (crianças) que ainda não são tão experientes quanto eles - nesse desenvolvimento. Segundo esse fato, não podemos desvincular a escola, nem tirar a importância do seu papel no processo de desenvolvimento infantil. Da mesma forma que vimos anteriormente que os fatores biológicos não podem se separar dos fatores sociais ao longo desse processo, e que percebemos que eles se complementam, é o que acontece com o papel da escola unida à cultura e à sociedade.

Os processos interpessoais exercem um papel importante no desenvolvimento infantil, pois esses farão um papel de mediador de todo esse processo, que poderá servir como facilitador das mudanças que a criança passará naquela fase da vida, e ao longo de seu crescimento. A escola entra nesse processo, como um espaço em que a criança terá um convívio diário com outros indivíduos de maior ou menor idade, e será a partir das relações e da mediação, que ela passará a desenvolver características que serão compartilhadas com as outras crianças, e também outras características que serão particulares dela, e que poderão se modificar ao longo do seu ciclo vital.

4. A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Inicialmente vamos deixar claro os conceitos de língua, linguagem e a diferença entre esses dois conceitos. Sabemos que desde o início da existência da humanidade o homem sentia a necessidade de se comunicar, mesmo que não existisse uma forma tão concreta de formação de palavras como há hoje em dia. Com isso foi-se procurando outras formas de comunicação, como exemplo, os desenhos que faziam em cavernas, e que até nos dias atuais nos serviram para entender um pouco da história da época, e também alguns sons vocálicos, que poderiam representar sentimentos de medo, fome, cansaço, tristeza.

Estudar a expressão e a comunicação humana exige clareza sobre alguns conceitos fundamentais. Um deles é a *língua*. A língua pode ser compreendida como um conjunto estruturado e organizado de gestos e sons, que servem para nossa comunicação. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é um exemplo de comunicação gestual, o que nos mostra que a língua pode ser representada de forma gestual ou oral, como a Língua Portuguesa/Inglesa.

Já a *linguagem* é capacidade que o indivíduo tem de utilizar a língua como forma de comunicação e expressão, para produzir e compreender a própria língua e suas representações (teatro, pintura, dança, música). Com isso entedemos que a linguagem pode ser de forma verbal – através de livros, por exemplo – e de forma não verbal – por meio de um filme, ou uma música. E que, se feita de forma acessível, conseguirá atingir vários tipos de pessoas, de várias idades, e de lugares distintos. Lembrando também que podemos ter as formas verbais e não verbais na mesma linguagem, como alguns anúncios, e algumas placas de trânsito.

Vale ressaltar que a língua complementa a linguagem e vice-versa, pois por vezes conseguimos reprezentar o que falamos no nosso consciente e como exemplo claro, podemos usar qualquer objeto concreto (quando fala-se a palavra cadeira, automaticamente seu cérebro o faz imaginar a imagem de uma cadeira, seja ela qual for a forma, cor ou tamanho). Da mesma maneira que ao ver uma imagem de uma cadeira, o indivíduo que já tiver um determinado nível de desenvolvimento, associará a imagem ao nome “cadeira”.

A maioria das palavras que fazem parte da nossa língua, ou de línguas estrangeiras são frutos de construções históricas, que civilizações mais antigas nos deixaram como herança. A língua expressada por meio da fala deve ser estruturada, organizada e ter normas e fundamentos. E da mesma maneira funciona com a língua expressada através de gestos, como

observamos na LIBRAS, que também possui uma estrutura, parâmetros, fundamentos e expressões para que possa transmitir o que deseja.

Podemos concluir então, que a linguagem falada, verbalizada e estruturada, por fazer parte de um processo psicológico consciente é ainda uma capacidade exclusiva dos seres humanos. A linguagem tem como objetivo transmitir ideias, informações e até mesmo expressar sentimentos, como uma forma de estabelecer uma comunicação entre duas ou mais pessoas.

4.1 O desenvolvimento da linguagem

Sabemos que a linguagem é uma das formas mais importantes de comunicação que a humanidade possui, pois como vimos anteriormente, é a maneira com que podemos demonstrar sentimentos, e transmitir informações para outras pessoas por todo o mundo. A relação entre a linguagem, a representação e a comunicação é bastante próxima, mas isso não significa dizer que o desenvolvimento dos processos psicológicos também sigam essa linha de proximidade, nem que respondam aos mesmo tipos de mecanismos, pois sabemos que esses processos são desenvolvidos em momentos diferentes da vida da criança.

Quando falamos em desenvolvimento da linguagem, quase que automaticamente pensamos em desenvolvimento cognitivo, e de fato, “[...] não é possível dissociar o desenvolvimento cognitivo do desenvolvimento comunicativo, de modo que ambos têm sua origem em atividades socialmente organizadas nas quais se envolvem adultos e crianças pequenas.” (VILA, 2004. p. 92), e como vimos nos capítulos anteriores é quase impossível falar desses dois tipos de desenvolvimento, sem fazer referência a Piaget e Vygostky. Portanto, nesse tópico falaremos sob a perspectiva desses dois pesquisadores tão imprescindíveis para as pesquisas acerca do fenômeno educacional.

Os pesquisadores que começaram a estudar sobre a aquisição da linguagem, logo se perguntaram sobre os processos que antecediam a sua aparição. A partir da teoria de Piaget, foi possível constatar que a construção da linguagem era antecidida por processos cognitivos complexos, os quais eram necessários serem compreendidos. Após os estudos de Piaget sobre

o assunto, surgiram outros pesquisadores tendo o mesmo interesse em descobrir o que se antecedia ao processo comunicativo.

Com todas essas pesquisas acerca do processo de aquisição da linguagem, observou-se também o que Vygotsky já afirmara anteriormente, que desde o nascimento todo indivíduo já era inserido em um ambiente repleto de influências sociais e culturais, e viveria dali pra frente rodeado de pessoas que estabeleceriam relações com ele, reafirmando assim as concepções que tinham natureza sociogenética. Essas relações socio-afetivas fariam com que as crianças desenvolvam seu lado comunicativo, e posteriormente a sua linguagem.

De acordo com Vygotsky (1934), a linguagem requer associações psicológicas diferentes da comunicação, e essa por sua vez não exige uma dependência do desenvolvimento cognitivo para acontecer. Vygotsky observou que indivíduos poderiam desenvolver uma comunicação sem que tivessem recebido cuidado ou contribuições advindas de outras pessoas. Vale lembrar que esta tese não afirma que um processo soprepõe-se ao outro, pelo contrário, eles possuem uma relação que poderíamos classificar, pela biologia, como sendo simbiótica, ou seja, um tipo de relação onde ambas as partes têm vantagens, e uma traz contribuições para a outra. Portanto, podemos compreender que, o que temos individualmente e coletivamente não podem estar dissociados um do outro, sendo assim uma visão de natureza ontogenética.

Como vimos no início desse capítulo, a comunicação começa desde os primeiros meses de vida do bebê, quando ele começa a perceber que a partir do momento que chora, um adulto o ampara, o acalenta ou o alimenta. Esse tipo de comunicação ainda é algo rudimentar, mas constitui parte de um início de consciência, ou como disse Trevarthen (1979 *apud* VILA, 2004), o *início da subjetividade*.

4.2 Conhecendo a língua materna

A língua materna (LM) ou primeira língua (L1) é conceituada por alguns autores como sendo parte da identidade da sociedade onde determinado indivíduo está inserido, ou seja, será através dela que a criança desenvolverá mais uma parte do seu conhecimento sobre o

mundo, e concomitante conhecerá a cultura e os valores que regem o ambiente onde ela está sendo criada.

Devemos entender aqui que, pelo fato de ser denominada como língua materna, ela não quer necessariamente dizer que é a língua que a mãe ou o pai da criança fala, vejamos um exemplo de uma situação hipotética: *Uma criança é filha de um brasileiro com uma alemã, e mora na Inglaterra. Em casa, ela fala com seus pais em suas línguas respectivas, mas na escola e em locais públicos com outras pessoas ela fala a língua inglesa, então essa criança terá três línguas maternas.* Para entendermos melhor o exemplo, tenhamos em mente o seguinte, a língua materna não é definida somente pelo fato de ser a primeira língua que a criança falará, nem por ser a língua que os pais falam, nem por ser a língua que é falada no local onde ela encontra-se, mas sim pela união de todos esses aspectos.

Portanto, como referiu-se Spinassé (2006), em seu artigo:

[...] a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal.

Após compreendermos um pouco sobre o que é a língua materna, vamos entender agora como a criança começa o seu processo de aquisição da linguagem. Falamos no início do capítulo sobre a comunicação que os bebês têm com o mundo que os cerca, vimos também que esse tipo de comunicação, nos primeiros meses de vida, não tem uma intenção comunicativa. Vamos entender então, quando começa a intencionalidade da comunicação do bebê, e descobrir se essa intenção requer fatores sociais, ou se é algo inato de qualquer indivíduo.

A intenção da comunicação do bebê, segundo alguns autores, começa quando o bebê faz um tipo de ação que o leva a ter a atenção do adulto, mas essa intenção será influenciada pela reação do adulto. Então entendemos, em uma situação aleatória, que o objetivo inicial da

criança seja, muitas vezes, obter a atenção de outra pessoa, mas ao depender de como essa outra pessoa irá reagir, a criança passa a repetir o ato, e isso o torna intencional.

Após esse período de comunicação não intencional, em que o bebê pratica ações sem ter intenção de algo, inicia-se o processo de ligação entre a comunicação intencional e a representação, isso passará a ser parte do processo de consolidação da linguagem. “As primeiras palavras aparecem como um processo de ‘substituição funcional’ em que os procedimentos arcaicos são substituídos por procedimentos mais culturais, cuja eficácia e economia se é capaz de reconhecer.” (COLL; MARCHESI; PALACIOS; COLL, 2004. p. 103). Em determinado ponto do seu desenvolvimento, a criança passará a perceber que substituir uma ação por uma palavra, para pedir um objeto a alguém pode trazer-lhe uma resposta bem mais rápida e menos cansativa, do que executar uma sequência de gestos.

Deixemos claro que o processo de desenvolvimento da linguagem vai muito mais além do que essa explicação de substituição mostrada acima, mas ele foi demonstrado para entendermos que esse tipo de comunicação já dá a criança um mínimo entendimento do objetivo da linguagem no cotidiano. Será através dessas trocas que ela entenderá que a linguagem passa a ser instrumento de uso natural para solicitar algo ou expressar algum sentimento para alguém.

Nesse período a criança, normalmente, está começando o seu processo de alfabetização. Esse processo de “familiarização” com a língua não é necessariamente iniciado nas escolas, tendo em vista que a língua escrita e oral é um objeto presente no uso de toda a sociedade. Hoje em dia, como foi falado no início desse trabalho, as crianças têm contato desde muito cedo com as variações da língua, seja ela na forma escrita (livros, revistas, anúncios) ou na forma oral (vídeo, televisão, música).

Todo o percurso social (convívio, interação) que a criança passará será fundamental para o desenvolvimento da linguagem. Diferentemente dos animais, mesmo os que mais se aproximam (em determinados aspectos do seu desenvolvimento) dos humanos, nós somos indivíduos capazes de desenvolver a linguagem através de um determinado tipo de interação com outros seres da espécie, que tenham um domínio maior da linguagem que nós, e repassá-la para nossos filhos. Como afirma Pereira (2004, p.160) em sua contribuição ao livro *Desenvolvimento psicológico e educação*: “[...] qualquer humano que não tenha suas

faculdades danificadas é capaz de aprender a falar simplesmente pelo fato de estar em interação com outros seres humanos e sem necessidade de um treinamento específico.”

Concluímos então que a língua materna é capaz de ser desenvolvida em qualquer ambiente que seja propício para a interação humana, e que todo indivíduo, por mais isolado que esteja, será capaz de desenvolver um tipo de linguagem para que seja possível a comunicação com o seu semelhante. O indivíduo conhecerá a língua materna por meio da interação com outros indivíduos mais desenvolvidos que ele, e será através dessa interação que ele também passará a ter domínio dessa língua, seja ela uma, duas ou três línguas maternas no seu cotidiano.

4.3 Conhecendo a língua estrangeira

Primeiramente devemos diferenciar o termo *Língua Estrangeira* (LE) de um outro termo também muito falado que é a *Segunda Língua* (SL). Portanto, vejamos os seguintes conceitos. A Língua Estrangeira faz parte de um processo pós domínio da língua materna, ou seja, é sabido que para haver a aquisição de determinada língua estrangeira, o indivíduo já deve ser capaz de falar em sua língua materna. Sabemos que, diferentemente do aprendizado da língua materna, na LE o indivíduo não precisará ter uma relação social tão intensa, e nem precisará ter um contato tão direto com a mesma.

Já a Segunda Língua faz parte de um processo semelhante ao da língua materna, principalmente pelo fato de ser necessário ter um uso social dela. A segunda língua não será apenas para que o indivíduo a use quando lhe for conveniente, mas sim para que ele possa interagir e comunicar-se no ambiente em que ele está, essa segunda língua será fundamental e desempenhará um papel importante para sua sobrevivência em um determinado local.

Vejamos a seguir um exemplo, para que possamos compreender melhor a diferença entre a língua estrangeira e a segunda língua: *Uma brasileira fez um curso de idiomas, e aprendeu alemão* (língua estrangeira), portanto, *ela poderá usar do seu conhecimento para comunicar-se naquela língua*. Em um determinado momento, essa mesma pessoa (brasileira, que tem como língua estrangeira o alemão) vê-se obrigada, por determinados motivos, a morar naquele local – onde todos falam alemão -, após alguns anos de vivência no local,

tendo um contato direto com o idioma alemão no seu convívio, fazendo parte das suas integrações sociais, e até mesmo da sua identidade, ela passa a transformar uma língua que lhe era estrangeira, em segunda língua.

Na situação acima podemos observar que *língua estrangeira* é todo idioma que aprendemos, mas sem ter um contato constante com ela no local onde vivemos, sem conhecer no dia a dia a cultura e os costumes daquele idioma. E que *segunda língua* faz parte de um conjunto de fatores culturais e sociais que nos fazem compreender e falar o idioma. No exemplo acima vimos que a língua estrangeira pode tornar-se segunda língua a partir do momento em que nos mudamos para o local do idioma em que estamos aprendendo.

Diferentemente de uma segunda língua, a língua estrangeira, dificilmente precisará chegar a um nível de domínio e interação que o de uma segunda língua necessita. A criança conecerá a língua estrangeira em um ambiente de sala de aula, ou através de algumas mídias (rádio, televisão, computador, revistas, etc.), e isso não implicará que ela tenha um domínio absoluto sobre a língua que está sendo aprendida. Algumas crianças são capazes de desenvolver melhor o domínio da fala, da escrita ou da leitura em línguas estrangeiras, mesmo que não tenham um convívio permanente com os indivíduos que convivam com esse idioma.

Um outro exemplo, que aproximou-se da minha realidade, foi de uma colega de classe no curso de idiomas (Língua Inglesa) que havia nascido nos Estados Unidos (EUA), e que seu pai era brasileiro e sua mãe norte americana. Ele não tinha muito domínio do português, pois no país onde residia anteriormente, o pai costumava comunicar-se através do inglês, assim como sua mãe. Com isso, ele tinha como língua materna o inglês, e o português era visto mais como uma língua estrangeira. Em um determinado momento, eles decidiram mudar-se para o Brasil, e aqui passou a ter um convívio tão intenso com a Língua Portuguesa, como tinha com a Língua Inglesa nos EUA. A partir do momento em que ele passou a conviver diariamente com o português, esse deixou de ser uma língua estrangeira, e passou a ser sua segunda língua.

Então podemos entender que o *status* de uma língua pode mudar de estrangeira para segunda língua e vice-versa, a depender do nível de interação e influência que aquela língua exerce no desenvolvimento das relações do indivíduo com o meio. Portanto como explica Spinassé (2006. p. 6):

O status de uma língua também pode variar com o tempo, é necessário apenas estabelecer uma outra relação com ela. Se a criança citada antes, que aprendeu o inglês como SL na Inglaterra, muda para Portugal e a língua anglo-saxônica perde a importância na sua vida, a criança perde essa relação básica com ela e ela pode se tornar, com o passar do tempo, uma Língua Estrangeira – se não for completamente esquecida. Da mesma forma, até mesmo o alemão, que fora uma L1, pode sofrer esse fenômeno.

Concluímos então que uma Língua estrangeira é aprendida, normalmente, em um ambiente escolar, e que não requer uma influência social ativa para ser adquirida, ao contrário das características que atribuímos à aquisição de uma segunda língua. A língua estrangeira pode ser apresentada à criança de uma forma lúdica, através de jogos e algumas mídias que veremos nos capítulos posteriores desse trabalho.

A criança conhecerá a língua estrangeira, sem pretensão de ser usada para sua sobrevivência em um ambiente onde ela tem domínio da língua nativa. A língua estrangeira deve fazer parte, se assim lhe for acessível, de um complemento para o seu desenvolvimento lingüístico, e o que poderá ampliar suas oportunidades e interesses em conhecer outros idiomas estrangeiros ao seu. A criança será apresentada a língua estrangeira aos poucos, essa medição sendo feita por um nativo do idioma estrangeiro (como em casos de alguns cursos de idiomas), ou por um professor que tenha domínio sobre a língua que será trabalhada. Mas isso não implicará dizer que toda criança, que tiver uma exposição à determinada língua estrangeira na escola desenvolverá de forma eficiente o domínio básico do idioma passado.

Cada criança terá uma capacidade de assimilar diferentes conteúdos lingüísticos de forma distinta de outra criança, portanto, veremos casos de crianças que estudam um idioma há 5 anos que não terão tanto domínio de fala, escrita, leitura e escuta de uma criança que estude o mesmo idioma há 1 ano. Não devemos isolar os casos de dificuldades de aprendizagem de um idioma na escola, mas sim buscar métodos secundários aos livros e textos – como veremos nos capítulos finais -, para que a criança possa achar a melhor forma de ter domínio sobre o assunto.

5. O AMBIENTE ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ambiente educacional adequado é tão importante quanto as relações inter pessoais para o desenvolvimento infantil, com isso devemos entender quais aspectos desse ambiente irão estimular a aprendizagem e potencializar as características inatas de cada criança. Vimos acima que através de relações enriquecedoras, e sendo bem mediadas, no caso da escola, por um professor, a criança pode desenvolver capacidades que a ajudarão durante todo seu processo de aprendizagem na escola, para apropriar-se. Para enfatizar nosso diálogo sobre a importância das relações, peguemos como base o Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), que nos traz propostas para que o trabalho do professor em sala de aula possa trazer benefícios para a aprendizagem infantil.

É necessário que o professor valorize “a interação com crianças da mesma idade e de idades diferentes em situações diversas como fator de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento e da capacidade de relacionar-se.” (Brasil, 1998, v.1, p. 30). Além de boas relações em sala de aula e no ambiente escolar, a criança deve usufruir de um espaço que seja estimulador e desafiador, provocando a curiosidade e estimulando o desejo pela busca do conhecimento, do desconhecido. Agora vamos entender como deve ser constituído um ambiente escolar capaz de propiciar a aprendizagem para os alunos.

É através da disposição do ambiente escolar e das relações com os adultos daquele ambiente, que as crianças começarão a entender não só como funciona a sala de aula, como também a sociedade a qual ele está inserido. Primeiramente, a escola possibilitará a aprendizagem e reprodução de regras e costumes presentes na sociedade, com isso a criança começará a aprender como se portar em determinadas situações, aprenderá sobre respeito com outras pessoas e seus limites, saberá a importância de estabelecer vínculos afetivos, e tudo isso será propiciado por um ambiente escolar adequado e bem organizado, que possibilite todas essas práticas.

O ambiente escolar deve atender as necessidades particulares e coletivas dos alunos, além de propiciar um ambiente acolhedor e que promova a interação entre todas as crianças, o ambiente deve conter recursos que estimulem o desenvolvimento da auto-estima e da confiança delas. Para isso, o ambiente escolar deve dispor de elementos que possibilitem a capacidade de interação da criança, mesmo quando ela estiver sozinha, pois é nesse momento que “[...] elaboram suas descobertas e sentimentos e constroem um sentido de propriedade

para as ações e pensamentos já compartilhados com outras crianças e com os adultos, o que vai potencializar novas interações” (Brasil, 1998. v. 1, p. 31). Portanto, o ambiente deve conter situações desafiadoras e de conflitos sentimentais, que as façam utilizar sentimentos os quais elas ainda não compreendem, e será através da interação com os outros e com o meio, que as crianças poderão entender o seu espaço individual e aprender a respeitar o outro.

5.1 Fatores que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem

O ambiente escolar para a educação infantil pode promover espaços diversos de interação, dentro e fora da sala de aula. Uma criança a partir dos seus 3 anos já pode praticar algumas atividades individuais, e a escola pode estimular e desenvolver essas tarefas através de ambientes adequados, como nas de salas multiuso ou nas salas de atividades. A sala multiuso pode servir como uma opção à sala de vídeo ou biblioteca, já que essas duas opções para crianças menores talvez não sejam tão atrativas (a escola e a equipe pedagógica pode optar por “cantinhos” em sala de aula e fora dela, que trabalhem a leitura e a atenção das crianças), com isso a sala multiuso poderá conter atividades que trabalhem a linguagem – e suas variações - e o estímulo da comunicação.

A sala de atividades pode ser uma opção para crianças entre 4 e 6 anos, e essas atividades podem estar inseridas na própria sala de aula. A escola pode adequar a sala de aula comum com pequenas modificações em alguns espaços, como por exemplo na hora da chamada construir um quadro em que os alunos possam escrever ou colar algumas letras do seu próprio nome, em outros espaços pode utilizar cabides e prateleiras para que os alunos, ao chegar em sala coloquem seus casacos e/ou mochilas nos espaços destinados a cada um.

Esses tipos de atividades ajudarão no desenvolvimento da independência, identidade e organização das crianças. Esses hábitos serão importantes para que as crianças possam entender a importância das regras e da disciplina dentro e fora de sala. Algumas brincadeiras no ambiente externo e aberto da escola vão ajudar as crianças a desenvolver o respeito, a escuta e a espera. As crianças sairão de um estado “egoísta”, comum em bebês e crianças no início do seu processo de desenvolvimento, e passarão a entender a importância do outro no ambiente em que ela está.

A criança que está sendo exposta a uma língua estrangeira, como é o caso de estudo nesse trabalho, terá também que ter atividades voltadas ao ensino da língua que foi escolhida pelos pais e pela escola. Será através de momentos de interação e socialização que os professores e professoras poderão trabalhar a o idioma de forma lúdica. A escola e os professores que decidem ensinar a língua inglesa para crianças devem lembrar que a linguagem não pode ser formada por palavras e conteúdos soltos, desse modo é necessário que estabelecer um tipo de relação que estimule a criança a falar frases que façam sentido para o seu ambiente social, podendo usar conteúdos mais básicos, como as cores e os animais, que elas estarão aprendendo também na sua língua materna.

Ainda existe um receio quando se fala em ensinar inglês para crianças, por ser considerada uma língua de difícil compreensão. Mas o fato que muitos não observam é como esse ensino é passado para as crianças, de forma que passam a isolas as palavras e tentar ensiná-las misturando-as com a língua portuguesa, o que acaba por dificultar e confundir a aprendizagem e muitas vezes deixar a criança sem estímulo para descobrir as maravilhas que uma língua estrangeira pode lhe oferecer. A língua inglesa ainda é uma língua que não é trabalhada de forma mais adequada nas escolas, mas isso pode mudar se a escola, a equipe pedagógica e os pais trabalharem de forma conjunta visando o desenvolvimento das capacidades da criança.

Devemos lembrar que não estamos falando aqui de um ensino de uma escola bilíngue, mas sim de uma escola comum que possui o ensino da língua inglesa para crianças abaixo dos 6 anos. Observando o fato de que as crianças provavelmente não estarão em contato com o inglês nos outros dias da semana, os professores e professoras podem trabalhar o ensino de inglês através de conteúdos que tenham relação com a vivência do aluno, pois assim conseguirá prender sua atenção ao conteúdo e o fará sentir mais interesse em aprender o que está sendo passado pelo professor.

Além dos aspectos que envolvem o lado mais iterativo e próximo do pessoal da criança, a escola também deve dispor de uma boa estrutura física para que possa fornecer todos esses recursos às crianças. Vale ressaltar que a comunidade, incluindo pais e responsáveis pelas crianças, a equipe pedagógica e a escola devem estar unidos para manter um processo de ensino-aprendizagem efetivo. Não é só papel da escola ensinar a criança a ter

respeito e zelar pelos seus pertences e do próximo, o trabalho de conscientização deve ser reforçado dia após dias nas crianças, por todos os adultos responsáveis pela sua educação.

Se tiver uma boa educação em casa e na escola, a criança passará a ter respeito pelos professores e colegas de classe, assim como pelos seus pais, familiares e cuidadores. Todo processo de desenvolvimento da criança será estimulado e sofrerá alterações a depender dos tipos de relação que ela mantém no seu dia a dia com o ambiente e seus respectivos mediadores. O ambiente escolar promoverá espaços de grande aprendizado para as crianças, lembrando que esse possivelmente será o lugar onde ela passará boa parte do seu dia.

6. O INGLÊS NO MUNDO DA CRIANÇA

Hoje em dia é mais fácil para algumas crianças terem contato com as diferentes formas de linguagem, com isso, também será mais comum elas passarem a conhecer uma língua estrangeira. Com a globalização e o avanço das tecnologias, as escolas passaram a ter recursos que as auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, seja da língua materna ou no ensino de inglês, para crianças cada vez menores. Veremos nesse capítulo que a pouca idade das crianças não é fator que dificulta a aprendizagem desse novo idioma, na verdade, entenderemos a razão de muitas escolas disponibilizarem o ensino de língua inglesa para crianças com menos de 5 anos, e a necessidade de estimular a criança desde muito jovem.

Pesquisas feitas por Janaína Forte (pesquisadora que defendeu sua dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) em torno do tema observaram a fala de muitos professores quando afirmam que em suas práticas em salas de aula, perceberam que crianças abaixo dos seis anos de idade têm mais facilidade em adquirir a linguagem sem comprometimento do desenvolvimento, ao contrário de crianças que já estão entrando na puberdade, e logo após esse período. Observou-se que, se a criança tem contato com a língua materna nos primeiros anos de vida, ela terá um desenvolvimento da pronúncia mais rápido e eficaz, do que outro indivíduo que teve esse contato mais tarde.

Observando os aspectos da aquisição da língua materna, podemos destacar a importância de iniciar o ensino de um novo idioma ainda na educação infantil. Professores entrevistados na dissertação de Forte (2010) relataram que as crianças que têm contato com a língua inglesa destacam-se no ensino fundamental, em relação a outras que não tiveram esse contato. Relata também que desenvolvem melhor a pronúncia e a escuta do idioma, por já ter um conhecimento adquirido na educação infantil.

Quando a criança é exposta ao ensino de inglês na educação infantil ela tem mais facilidade em perder o sotaque de aprendiz, pois ainda estará na fase de aquisição da linguagem, isso facilitará na pronúncia de muitas palavras. Forte (2010) também constata, a partir dos relatos dos professores que essas crianças, quando em contato constante e intenso com o idioma, passarão a ter um melhor desenvolvimento da fala, mas não quer dizer que terão o mesmo entendimento em relação à gramática; fato que observamos em crianças que estão aprendendo o primeiro idioma.

6.1 O desenvolvimento do novo idioma nas crianças

A sociedade de hoje ainda busca por conhecimento, conhecimento novo, conhecimento atual, assim como a sociedade do século passado, mas a velocidade com que são feitas descobertas revolucionárias é muito mais rápida do que as que víamos no século anterior. O mundo trabalha e produz numa rapidez inimaginável. Como exemplo, podemos usar nosso próprio conhecimento, o que nós descobrimos em um minuto, pode mudar radicalmente em outro seguinte. As idéias e informações são alcançadas na mesma velocidade com que o conhecimento renova-se, e a comunicação faz parte de todo esse processo de transmissão. Seja na área tecnológica ou científica, a comunicação vem fazendo parte dos avanços do mundo desde os primórdios da antiguidade e auxiliando na relação entre os povos.

Se estamos avançando cada vez mais rápido nas pesquisas, pensemos então em relação à comunicação. Vivemos na era da tecnologia, da informática e com isso vem à comunicação virtual, que nos possibilita observar uma das características mais marcante da globalização. Esse tipo de comunicação virtual nos permite chegar a lugares que antes poderiam parecer impossíveis para algumas pessoas, mas para que consigamos alcançar muitos desses lugares precisamos aprender o inglês, pois como indica Furtado (2007) usando como referência Ianni (2000, p. 139) “[...] a língua de fato da aldeia global tem sido principalmente o inglês. A maior parte das comunicações, envolvendo todo tipo de intercâmbio, desde as mercadorias às idéias, das moedas às religiões, realiza-se nessa língua”.

A língua inglesa vem ocupando um grande espaço na comunicação entre pessoas de países diferentes, e vem expandindo-se cada dia mais. A língua inglesa acaba tornando-se um tipo de idioma universal para comunicação de indivíduos com línguas distintas que desejam conversar entre si.

Com isso vemos a necessidade de ter contato com língua inglesa cada vez mais cedo, por essa razão, muitas escolas já vêm inserindo o idioma estrangeiro no convívio escolar das crianças a partir dos 2 anos, como foi observado na escola visitada, ou até mesmo na pré-escola, como foi observado em outra escola do mesmo bairro. É fato que não há como fugirmos dos avanços do mundo globalizado e das tecnologias que ele traz consigo, mas podemos nos adaptar às suas transformações sem grandes perdas no desenvolvimento. Se iniciamos o ensino de língua inglesa quando ainda crianças, teremos um melhor

aproveitamento do idioma e de suas contribuições para nós, como vimos anteriormente, as crianças terão uma maior facilidade em se adaptar ao idioma.

A criança inicia a sua vida escolar sendo alfabetizada, – entendemos o termo “alfabetizada/alfabetização” aqui nesse trabalho, como um conjunto de conteúdos, que incluem as diversas áreas de ensino – e esse contato com a língua tende a começar em casa, na família, e está presente no seu dia-a-dia de forma natural. O processo de alfabetização tem que ter uma razão e um objetivo a ser alcançado, as pessoas ensinam e aprendem por um motivo, e no ensino da língua inglesa não funciona de forma diferente. Na aprendizagem de um novo idioma devemos observar aspectos sociais e culturais que envolvem a língua a ser aprendida, essa aprendizagem não pode dar-se de forma descontextualizada da realidade que a criança está vivenciando.

A aprendizagem de um novo idioma vai muito além de saber ler, escrever e falar. É necessário que o indivíduo aprenda a compreender o que está sendo lido, que seja capaz de transcrever o que foi escutado, e falar de uma forma que se aproprie da língua, sem que ela seja uma inimiga do seu desenvolvimento. Muitos elementos do mundo infantil podem auxiliar nesse aprendizado, e podem facilitar a relação da criança com o novo idioma que está sendo aprendido.

6.2 Os elementos no mundo infantil que facilitam a aprendizagem do novo idioma

Existem inúmeros recursos que podem ser usados em sala de aula, que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças, e que complementam, enriquecem e dinamizam a fala do educador. Além dos estímulos e ensinamentos que o professor pode passar, ele também deve instigar a curiosidade e a busca pelo “novo” nos alunos, com isso o processo de ensino-aprendizagem se dará de forma mais dinâmica para ambas as partes, e levará o aluno ao enriquecimento do seu desenvolvimento de forma mais eficaz.

A tecnologia pode ser um grande instrumento de auxílio para que os professores possam expor suas aulas, independente da idade dos alunos. O uso de recursos adequados durante a aula pode promover um melhor entendimento do conteúdo, podendo concretizar as estratégias para alcançarem o objetivo desejado. Sabemos que o livro didático é um

elemento antigo e bem conhecido do mundo da educação, mas não devemos colocá-lo em discussão num ambiente de educação infantil, onde teremos crianças a partir dos 2 anos de idade, então devemos procurar os elementos que estão mais próximos do cotidiano da criança.

Aprender uma língua estrangeira não é algo simples, e muitas vezes requer do indivíduo interesse e disposição para que aprenda de forma efetiva. Exige também que ele mantenha uma disciplina de estudos e não fuja dos seus objetivos, quando esses se mostrarem mais difíceis, e principalmente, que tenha interesse no que está sendo aprendido. Quando falamos dessa maneira nos remetemos ao aprendizado de uma língua estrangeira para adultos, mas se pensarmos em crianças aprendendo um novo idioma podemos claramente usar essas mesmas características como forma de incentivar o aprendizado delas.

O professor pode observar que uma das melhores maneiras para ensinar algo à uma criança é mantê-la atenta ao assunto, e fazendo com que ela tenha interesse sobre o que ele quer ensinar, partindo disso, podemos utilizar o ensino de uma língua estrangeira para crianças de forma dinâmica, utilizando do mais simples até o mais avançado recurso didático. Podemos manter o foco e a atenção das crianças quando buscamos elementos, dentro do conteúdo que está sendo passado, que sejam do interesse delas, e isso manterá a criança mais interessada na busca de aprender aquele conteúdo. Aspecto também que nos remete a característica anterior, sobre a importância do dinamismo da aula. Outra característica para o aprendizado de uma língua estrangeira é a disposição de manter uma rotina de estudos, e para crianças isso pode parecer um pouco mais difícil de ser cumprido, mas se observarmos um ensino que reforce todos os dias – em casa e na escola -, o conteúdo que foi aprendido na aula anterior, podemos ver que funcionará como uma perfeita rotina de estudos e aprendizagem.

As tecnologias, quando usadas de forma adequada, permite ao professor e a escola utilizar elementos inimagináveis para auxiliar o aprendizado de um novo idioma, como exemplo, temos a TV, o DVD, o DataShow/Retroprojector, o rádio, o filme, e mais recentemente trouxemos o quadro digital, o computador, o tablet e os celulares para sala de aula. A tecnologia nos permite usufruir de diversos aplicativos gratuitos e educativos que podem ser baixados em dispositivos móveis, e hoje em dia, praticamente todas as crianças já nascem sabendo mexer, e se não sabem, aprendem sem o “medo”, e de maneira mais rápida

que gerações mais antigas. Com todos esses recursos, o professor pode usar a tecnologia a seu favor em sala de aula, ao invés de tentar excluir esse elemento do processo de ensino-aprendizagem. Além dos recursos tecnológicos, o professor também pode e deve utilizar outros recursos, como livros, revistas em quadrinhos de interesse das crianças, os quadros branco e negro, e sem esquecer o caderno, para que o aluno possa praticar a escrita e a leitura de forma mais prática.

Quando falamos em elementos que promovem a aprendizagem, devemos lembrar que nosso cérebro é o principal elemento desse processo, pois ele nos permite memorizar e expandir nossas redes sinápticas na medida em que as exercitamos. E se estamos falando em aprender um novo idioma, inevitavelmente falamos em memorizar, mas devemos entender que possuímos uma memória de curto de longo prazo, e um dos melhores exemplos da nossa utilização da memória pode ser o aprendizado e aprimoramento da nossa língua materna, pois desde que nascemos passamos a prestar atenção aos sons que nos rodeiam, para que possamos reproduzir posteriormente, e isso pode ligado diretamente ao aprendizado da nossa língua, quando passamos a reproduzi-la de forma natural quando queremos algo.

A memória pode ser trabalhada para nosso benefício no processo educativo. Memorizar ainda é um termo “mal visto” no mundo da educação, por muitas vezes, imagina-se algo memorizado como sendo algo que será decorado e rapidamente esquecido, mas devemos destacar que nosso cérebro percebe todas as informações com as quais nos deparamos no dia a dia, quando aprendemos um novo conteúdo, ele ficará retido na memória de curto prazo, a não ser que seja correlacionado ou repetido diversas vezes, ai sim passará para nossa memória de longo prazo.

Por essa razão que sempre devemos revisar e interligar um assunto ao outro, para que nosso cérebro “julgue” aquele conteúdo como sendo importante e absorva de forma que nos permita lembrar e relacionar a outros termos em diferentes situações, e não somente em sala de aula. Falaremos um pouco mais sobre essa relação cérebro-aprendizagem, e sobre como nosso cérebro pode ser influenciado pelo nosso comportamento frente a um conteúdo, no tópico seguinte, e com uma lente da contribuição da neurociência para nossa educação e formação de professores de língua inglesa.

7. NEUROCIÊNCIA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Observamos nos capítulos anteriores a importância do ser humano estar em constante contato com o meio em que vive, isso por uma questão de sobrevivência e desenvolvimento pessoal, onde o ser que interage com o meio torna-se parte do mesmo, e o modifica e é modificado na mesma intensidade, onde irá adaptar-se e adquirir características que tenham relação direta com o ambiente que habita. Neste capítulo entederemos como o nosso corpo, e principalmente o nosso cérebro reagem à situações constantes de interações, com o meio e com o outro, e como isso influenciará no processo de desenvolvimento.

O cérebro é o orgão mais importante do sistema nervoso, e cada região dele é responsável por uma função diferente do nosso corpo. Nosso cérebro é composto por dois hemisférios que, quando conectados (fissura sagital ou inter-hemisférica) sem nenhuma anormalidade, nos permitem executar desde tarefas básicas do dia a dia até atividades que nos competem mais esforço, e “isso é feito por meio de circuitos nervosos, constituídos por dezenas de bilhões de células que chamamos de neurônios” (CONSENZA; GUERRA, 2011). Com o processo de evolução natural de todo ser humano, essas células foram modificando-se e ficando com uma estrutura de resposta aos impulsos do meio cada vez mais complexa, isso fez com que os pesquisadores achassem na neurociência uma resposta às perguntas que surgiram.

Mas qual o porquê de falarmos na perspectiva da neurociência nesse trabalho? Para iniciarmos o assunto, devemos lembrar o que foi visto nos capítulos anteriores, sobre conhecer o indivíduo, para que assim possamos nos aproximar e fazermos parte do processo de desenvolvimento dele, já que é nas relações que o ser humano aprende e ensina ao outro.

Para que possamos entender as contribuições que a neurociência traz para a educação, basta vermos como é explicado o processo de aprendizagem e os aspectos que o envolvem, na visão da neurociência. Durante esse processo de desenvolvimento temos que entender que ocorrem outras inúmeras modificações no cérebro da criança, dentre elas, as que estão relacionadas à memória, à atenção e à aprendizagem, aspectos que são essenciais para o desenvolvimento escolar de um aluno ou aluna em sala de aula.

Falando em relação à memória e à aprendizagem devemos entender que elas não têm somente a relação cerebral em comum, mas também possuem uma característica que as unem

quando o fato é o seu desenvolvimento, pois ambas necessitam de estímulos externos nos seus processos adaptativos do organismo em relação ao ambiente. Como nos explica Brandão (2004, p. 99):

[...] estes processos são inferidos a partir de alterações comportamentais antes que medidos diretamente. Uma das definições correntes indica que a aprendizagem corresponde à aquisição de novos conhecimentos do meio e, como resultado desta experiência, ocorre a modificação do comportamento, enquanto que a memória é a retenção deste conhecimento.

Se a memória e a aprendizagem exercem papel importante no desenvolvimento escolar da criança, vejamos então onde a atenção está encaixada nesse processo. Nossa cérebro é constituído por bilhões de células que estão fazendo trilhões de ligações sinápticas o tempo todo, mas você pode perceber que, apesar desse número incontável de interligações, não temos a capacidade de perceber, ao mesmo tempo, todas as características e detalhes de situações que passamos. Isso ocorre devido ao fato de nosso cérebro nos possibilitar um fenômeno denominado *atenção*, por essa razão, “[...]somos capazes de focalizar em cada momento determinados aspectos do ambiente, deixando de lado o que for dispensável.” (CONSENZA; GUERRA, 2004. p. 41)

7.1 O ensino e a formação do professor de Língua Inglesa

O cérebro, munido desses três aspectos citados acima, funciona como uma espécie de “organizador de arquivos”, ou seja, ele foca a nossa atenção ao que julga importante para nós, e a partir do interesse que aquilo nos provoca, passamos a memorizá-lo, e isso faz constituir o processo de aprendizagem. Portanto, em sala de aula o professor deve trabalhar assuntos que os alunos sejam capazes de interligar com outros, caso isso não seja possível, deve-se trabalhar apenas um assunto por vez. Pois da mesma forma que não conseguimos focar em todos os aspectos do ambiente, ao mesmo tempo, também não conseguiremos focar em todos os elementos que foram trabalhados naquele conteúdo.

Devemos entender que o nosso cérebro desenvolve suas habilidades e ligações sinápticas de forma distinta entre uma pessoa e outra, apesar de seguir um processo

semelhante quando nos referimos ao processo de desenvolvimento embrionário. Como nos explica Consenza e Guerra (2011, p. 27):

[...] sabemos que não existem dois cérebros iguais, mas podemos afirmar que todos temos vias motoras e sensoriais que seguem o mesmo padrão. Elas estão previstas nas informações genéticas dentro do útero materno. Quando a criança nasce, já tem pronto em seu cérebro esse conjunto de circuitos, ainda que eles não estejam funcionando em sua plenitude.

“Por que todo mundo não aprende igual? Isso tem a ver com a nossa biologia. Entender as limitações e o potencial de um aluno pode trazer uma contribuição boa para quem está começando sua vida na área da educação.” Afirma a professora, médica e especialista em neuropsicologia Leonor Guerra, do departamento de morfologia da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) ao Portal *Porvir*. Todos somos diferentes, pois todos passamos por processos de desenvolvimentos distintos, então não podemos querer e exigir que todos os alunos em uma sala de aula aprendam o mesmo conteúdo, da mesma forma, e na mesma velocidade. O professor deve estar atento, principalmente por tratar-se de crianças no início do percurso de conhecimento do mundo.

Os professores podem se deparar com alguns problemas em sala de aula, em qualquer nível de ensino. Déficit de atenção, dificuldades na aprendizagem, desmotivação para assistir e participar das aulas são apenas algumas das situações que os professores encontram durante seus anos de ensino nas escolas, e que também encontrarão nas aulas de língua estrangeira, com isso, torna-se necessário que os profissionais da educação, ainda em seus processos de formação necessitem conhecer o funcionamento do cérebro para que possam aperfeiçoar suas técnicas e práticas em sala de aula, e consigam lidar com as diferenças de potenciais dos seus alunos.

Muito é falado sobre a importância da inclusão para alunos com algum tipo de deficiência, mas também devemos voltar nossa atenção aqueles alunos que não possuem deficiências físicas ou intelectuais avançadas, mas que necessitam de cuidados específicos na hora do processo de ensino-aprendizagem; alunos que possuem alguma dificuldade em aprender, por exemplo, um novo idioma. Os professores devem estar atentos a tudo que está envolvido no processo de aprendizagem do aluno, fatores externos, como o círculo social que o envolve, como também o que se passa “dentro da cabeça” do aluno. O professor poderá

criar métodos que sejam mais eficazes para alunos que não seguem o mesmo ritmo de aprendizagem do idioma dos outros alunos em sala.

Um professor que entende sobre o funcionamento cerebral e seus processos terá a neurociência a seu favor, e isso facilitará na hora em que ele for planejar aulas que possam atender a todos os alunos, mesmo que alguns tenham dificuldades em fixar algo, ou desconcentram-se com facilidade. Um professor pode pensar em associar um conteúdo a outro já adquirido para facilitar a aprendizagem dos seus alunos e alunas, já que subentende-se que ele sabe que por associação a aprendizagem de determinados conteúdos é mais eficaz, pois entende que uma rede neural ativa a outra, e assim sucessivamente. Segundo Consenza e Guerra (2011), uma informação pode simplesmente ser decorada pelo nosso cérebro, mas esse registro somente se tornará mais forte se buscarmos criar vínculos e relacionar com conteúdos que já estão armazenados na área de conhecimentos do nosso cérebro.

Com esse entendimento o professor poderá usar métodos que ajudem os alunos a traçar caminhos de aprendizagem mais fáceis para cada um, individualmente, se o professor passar a fornecer bons pontos de ancoragem, o aluno poderá associar vários conteúdos novos aos que ele já possui, e assim passará a ser não somente algo que está retido na memória por alguns minutos, mas dará um sentido para o que está sendo aprendido.

É algo frequente encontrar em cursos de formação continuada para professores, temas que falem sobre algum tipo de dificuldade de aprendizagem, ou sobre técnicas de como lidar com alunos com altas habilidades e superdotação. Mas para os professores que não receberam, em sua formação inicial, um ensino voltado as variações de aprendizagem que um aluno pode ter em relação ao outro, acaba sendo um desafio muito maior quando o encontra em sala de aula, envolvido nas suas práticas. Por isso é necessário ter conhecimento sobre diversas áreas, para que nossa prática seja melhor realizada, e assim promova o desenvolvimento do outro de forma mais efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao ponto de conclusão desta pesquisa com a intenção de mostrar como os objetivos foram alcançados até o presente momento. A questão central que orientou esta investigação foi acerca dos princípios psicopedagógicos que devem orientar o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Infantil. A partir das teorias de Vygotsky e Piaget foi possível demonstrar a importância dos processos interpessoais na construção do conhecimento.

Num primeiro momento da nossa reflexão compreendemos como o corpo humano reage quando exposto às relações com o outro e, consequentemente, com o meio. Observamos ao longo da pesquisa que grande parte do nosso desenvolvimento intelectual e cognitivo dá-se por meio das relações intra e inter pessoais que estabelecemos ao longo das nossas vidas, mas principalmente, quando ainda somos bebês.

Toda criança deve ser estimulada de forma a incentivar o desenvolvimento de habilidades psicomotoras e cognitivas, tendo esse estímulo desde cedo e através de diversas formas, a criança poderá alcançar altos níveis de desenvolvimento quando adulto.

Ainda sobre o desenvolvimento cognitivo da criança tratamos sobre o processo de aquisição da linguagem, onde percebemos como se dá esse processo, e a importância da linguagem e da língua para inserção do indivíduo (criança) no contexto social em que vive.

Como vimos ao longo do trabalho, o desenvolvimento humano e cognitivo não podem ser dissociados. Nesse processo, por meio da interação com o meio físico e social, as crianças realizam uma série de aprendizados (REGO, 1995). Por conta dessa interação, a escola acaba assumindo um papel fundamental para o desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem.

Mesmo reconhecendo a importância da escola, é sabido que nem toda aprendizagem é adquirida nesse ambiente. Entendemos que nenhuma criança entra na escola sem conhecimento sobre alguma coisa. Ela já vem com uma carga de aprendizados adquiridos por meio das relações que estabeleceu com o meio e com as pessoas que o cercam, através de experiências, observações e instruções de comportamento que recebeu de indivíduos mais experientes.

Para explicar o papel da escola no processo de desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky faz uma importante distinção entre os conhecimentos construídos na experiência pessoal, concreta e cotidiana das crianças, que ele

chamou conceitos cotidianos ou espontâneos e aqueles elaborados na sala de aula, adquiridos por meio do ensino sistemático, que chamou conceitos científicos. (REGO 1995, p. 77)

Na escola, o professor terá o papel de mediador de conhecimentos, e será um dos responsáveis por unir os conhecimentos já adquiridos por experiências da criança, com os conhecimentos sistematizados vistos em sala de aula. O professor poderá utilizar de recursos para que a união desses conhecimentos seja realizada de forma efetiva, sem comprometer o aprendizado geral da criança sobre o assunto que está sendo ensinado.

Toda essa reflexão acerca da mediação que envolve o mundo infantil nos permitiu alcançar o primeiro dos objetivos específicos e, ainda tratando sobre o processo de desenvolvimento cognitivo da criança, tratamos do processo de aquisição da linguagem, o conhecimento da língua materna e, no caso específico desse trabalho, o conhecimento da língua estrangeira, que também terá o professor como mediador de conhecimentos.

O outro objetivo específico esteve orientado para identificar os principais elementos que poderiam contribuir para o aprendizado de uma língua estrangeira no contexto da Educação Infantil. O foco, nesse momento, voltou-se para o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Foi o que tratamos nos capítulos cinco e seis, quando abordamos o assunto sobre o ambiente escolar mais adequado para as necessidades da criança da educação infantil.

Além disso, tratamos de como a língua inglesa deve ser inserida no mundo da criança, de forma com que a faça ter uma boa experiência e um bom contato com um novo idioma desde cedo, para que possa desenvolver na criança, interesse por este e por outros idiomas estrangeiros.

Foi possível entender que um ambiente estimulador é um dos principais pontos para iniciar um processo de aprendizagem da língua estrangeira, pois num ambiente apropriado, com o auxílio do educador e com recursos e instrumentos, a criança terá oportunidade de criar seu próprio espaço de aprendizagem.

Nesse sentido, inúmeros recursos didáticos podem ser usados para incentivar e auxiliar o aprendizado de uma criança. Todos eles devem estar voltados para a construção de um ambiente favorável para a aprendizagem. Isso é essencial que isso aconteça, pois a criança da educação infantil estabelece fortes relações com o ambiente escolar, principalmente, quando este proporciona independência e autonomia para que ela realize atividades. A importância da

interação da criança com o meio é fundamental para qualquer processo de aprendizagem. Como já foi afirmado, a criança constrói e elabora seu conhecimento através dessa interação.

Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. (Brasil, 1998, v.1, p. 21).

Esses espaços de interação além de promover a liberdade de a criança realizar ações do cotidiano de uma sala de aula, também devem ser estimuladores a ponto de desafiarem o campo cognitivo, motor e social da criança. O mesmo acontece quando se quer ensinar um língua estrangeira para crianças, além do educador buscar promover um ambiente estimulador, também é necessário que o assunto a ser ensinado busque a atenção do aluno, e que o faça associar a assuntos que já foram estudados por ele até mesmo em outras disciplinas, e se possível que sejam do campo de interesse da criança.

Por fim, nosso terceiro objetivo foi buscar compreender a contribuição da neurociência para o processo de ensino-aprendizagem de um novo idioma para crianças na Educação Infantil. Assim, foi possível demonstrar que a neurociência nos explica como o cérebro humano reage às diversas situações que envolvem um processo de ensino-aprendizagem. Compreendendo as operações neuronais o professor poderá entender como a criança adquire o conhecimento de um novo idioma com mais facilidade.

Através da neurociência entendemos a importância de alguns aspectos como a atenção, a memória e as emoções, e como esses aspectos influenciam positivamente um melhor desempenho da criança no aprendizado de um novo idioma. A neurociência reúne os vários elementos tratados anteriormente, tais como os processos de interação, de linguagem e de apropriação do ambiente. Como exemplo, podemos citar a associação de assuntos para que a criança assimile com mais facilidade um determinado conteúdo.

Frente a um conceito sistematizado desconhecido, a criança busca significá-lo através de sua aproximação com outros já conhecidos, já elaborados e internalizados. Ela busca enraizá-lo na experiência concreta. Do mesmo modo, um conceito espontâneo nebuloso, aproximado a um conceito sistematizado, coloca-se num quadro de generalização. (FONTANA, 1993, p. 125 *apud* REGO, 1995, p. 78)

São nos pontos discutidos aqui nesta pesquisa que podemos compreender as contribuições que a neurociência traz para o processo de aprendizagem de um novo idioma na educação infantil, como também para a educação no contexto geral.

Assim, podemos concluir mostrando a contribuição desta pesquisa para a educação, mostrando que é possível ter um ensino de inglês para crianças da Educação Infantil, sem que as prejudique no aprendizado das outras disciplinas presentes no currículo escolar. Para isso, temos que entender que é necessário que não só a escola faça parte desse processo, como também todo corpo escolar, incluindo também os pais e responsáveis pela criança, mesmo porque para que um conhecimento seja melhor fixado e assimilado pela criança, faz-se necessário um estímulo daquele assunto não somente em sala de aula, com associações de conteúdos, mas também fora do ambiente escolar, no dia-a-dia da criança, para que ela possa entender que aquele idioma faz parte não somente da escola, e assim possa usar mais da sua memória de longo prazo, e não esqueça tão facilmente do que foi estudado.

Percebemos também que ainda é necessário um aperfeiçoamento desse idioma em muitas escolas, tanto no aprimoramento de métodos de ensino, como também na maneira que o conteúdo é passado. É necessário que todo conteúdo seja transmitido para o educando de maneira que o faça querer saber mais sobre o que está estudando, com isso, podemos fazer uso de recursos que hoje em dia estão mais acessíveis na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando Luiz (Coord.). **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança.** São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em:

http://www.todos pela educacao.org.br//arquivos/biblioteca/formacao_de_professores_no_brasil_diagnostico_agenda_de_politicas_e_estrategias_para_a_mudanca_todos_pela_educacao.pdf

BRANDÃO, Marcus Lira. **As bases biológicas do comportamento.** Introdução à neurociência. Brasil, ____: E.P.U., 2004. Disponível em: <http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/psicologia/AS_BASES_BIOLOGICAS_DO_COMPORTAMENTO.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação.** — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_voll.pdf>. Acesso em: abril de 2016.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

CONSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende.** – Porto Alegre: Artmed, 2011. 151 p.

FERREIRA, Sheila Margarida Moreno. **Os recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem.** Estudo de caso da Escola Secundária Cónego Jacinto. Disponível em:<<http://bdigital.unipiaget.cv:8080/dspace/bitstream/10964/142/1/Sheila%20Ferreira.pdf>>. Acesso em: Abril de 2016.

FORTE, Janaína da Silva. **O ensino de língua inglesa para alunos da educação infantil em Porto Alegre: Um leitura crítica acerca do uso da linguagem, do letramento e de crenças.** Porto Alegre, 2010. Disponível em:<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28774/000772242.pdf?sequence=1>>. Acesso em: Abril de 2016.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. Ed. Revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MESTRES, Mariana Miras; GOÑI, Javvier Onrubia; GALLART, Isabel Solé. **Psicologia da Educação.** SALVADOR, César Coll [organizador]. Tradução e consultoria: Cristina Maria de Oliveira. – Porto Alegre: Artmed, 1999. 210 p.: il.; 28 cm.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação /** Teresa Cristina Rego. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SALES, Vilmaria; MONTE, Margarida; VIDAL, Jaqueline. **Psicologia na Educação: um referencial para professores.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. 128 p.

SALVADOR, César Coll. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento /** César Coll Salvador; trad. Emília de Oliveira Dihel. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 159 p.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** Revista Contingentia, 2006, vol. 1. Novembro 2006. p. 01-10. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/3837-12855-1-PB.pdf>>. Acesso em: abril de 2016.